

CORDEL COMO INSTRUMENTO DE ENSINO E REFLEXÃO: HEROÍNAS NEGRAS BRASILEIRAS NA VOZ DE JARID ARRAES

Simone Maria da Rocha¹
Manoel Bezerra de Azevedo Júnior²

RESUMO

Jarid Arraes, uma das vozes mais representativas da atualidade em prosa e verso em defesa e atenção à mulher e à questão racial, nos possibilita com sua obra cordelista ensinar e refletir sobre as heroínas negras brasileiras. Neste artigo, partimos do marco zero da narrativa versejada ocidental, cruzando o advento da imprensa e chegando ao atual cordel produzido em nosso país. A finalidade primordial é identificar contribuições do cordel para o ensino crítico e reflexivo da história e cultura afro-brasileira, afinado com a Lei 10.639/03. Para tanto, como corpus de análises, utilizamos as obras Luisa Mahin e Dandara dos Palmares. Dos achados, destacamos a contribuição feminina afro-descendente para a afirmação da identidade multicultural brasileira e a relevância do cordel para práticas pedagógicas que vislumbram um ensino que permite resgatar a memória de sujeitos historicamente silenciados.

Palavras-chave: Cordel. Ensino. Afro-descendente. Gênero.

ABSTRACT

Jarid Arraes, one of the most representative voices of today in prose and verse in defense and attention to women and the racial question, enables us with her chap – book works teach and reflect about Brazilian black heroines. In this article, we start from the zero point of the western verse narrative, crossing the advent of the press and reaching the current chap – books produced in our country. We assume as a primary objective to identify the contributions of the chap – book to the critical and reflective teaching of Afro-Brazilian history and culture, in line with Law 10.639 / 03. For that, as a corpus of analysis, we use the works Luisa Mahin and Dandara dos Palmares. From the findings, we highlight the feminine afro-descendant contribution to the affirmation of the Brazilian multicultural identity and the relevance of the chap – book for pedagogical practices that envisage a teaching that allows to rescue the memory of subjects historically silenced.

Keywords: Chap – Book. Teaching. Afro-descendant. Gender.

1 REFLEXÕES INICIAIS

Neste artigo, buscamos evidenciar a figura da heroína negra presente nos cordéis escritos por Jarid Arraes, uma das mais representativas vozes femininas que escreve textos poéticos e críticos em defesa e atenção à mulher e à questão racial. Com o objetivo de identificar contribuições do cordel para o ensino crítico e reflexivo da história e cultura afro-

¹ Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Grupo de Estudos e Pesquisas com Narrativas (Auto)biográficas em Educação – GEPNAE-UFERSA-CNPq. E-mail: simone.rocha@ufersa.edu.br

² Licenciado em Letras Português e Inglês. Membro fundador da Associação Cultural Casa do Cordel, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: serrotepreto@hotmail.com

brasileira, afinado com a Lei 10.639/03, analisamos as obras Luisa Mahin e Dandara dos Palmares, da referida escritora.

O texto apresenta, além dessa parte introdutória e das considerações finais, um histórico do cordel no Ocidente, desde suas origens ao momento atual, e sua afirmação enquanto literatura genuinamente brasileira, bem como a estruturação do cordel, no que concerne a estrofe, métrica e rima mais comumente usadas por seus autores. Em seguida, fazemos uma apresentação e análise das obras de Jarid Arraes, conforme destacamos anteriormente. E por fim, refletimos sobre a importância do cordel enquanto instrumento didático-pedagógico, no processo de ensino crítico e reflexivo sobre história e cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio da Educação Básica, considerando a consonância da temática com a Lei 10.639/03.

2 DO CANTO DAS COMUNIDADES AO FOLHETO: SOBREVIVO HISTÓRICO DO CORDEL

Registrar, em versos, acontecimentos de uma nação ou de um povo trata-se de uma necessidade que vem desde a antiguidade ocidental e oriental. Primeiramente pela oralidade com o canto das comunidades, preservado na memória dos poetas que cantavam tais registros versejados. Da tradição grega através dos rapsodos – poetas que cantavam versos com auxílio da lira – aos bardos e trovadores medievais, cujo primeiro registro ocorreu em cancionários manuscritos, evoluindo para o registro impresso com o advento da imprensa.

Em Portugal as “Folhas Volantes”, na Espanha, “Pliegos Suelos”, na Inglaterra, o “Brodsheet” ou “Broadside” e na França, o “Cannard”, são exemplos de impressos versejados que surgiram por toda a Europa. Da fonte lusitana podemos inferir um dos veios poético-literários ao qual nosso cordel pode muito bem ser filiado (BENJAMIN, 1980).

No Brasil, aportam com as caravelas os tais impressos portugueses em versos e, em seu conteúdo, histórias de príncipes e princesas, reis e rainhas, aventuras e desventuras registradas nas famosas obras do romancelo Ibérico, tais como, A Princesa Magalona, A Imperatriz Porcina, Carlos Magno e os Doze Pares de França e a Donzela Teodora. Essas obras correram do litoral ao sertão brasileiro, com mais força no Nordeste, receberam adaptações pelos poetas

que moldaram uma literatura de cordel genuinamente brasileira. Luciano (2012) lembra que, até 1879, não havia registro de cordel publicado no Brasil.

Muitas estórias transmitidas pela oralidade atravessaram séculos preservados na memória dos seus descendentes, como exemplo pode-se citar Dona Militana de São Gonçalo do Amarante, cidade do Estado do Rio Grande do Norte (RN) que até sua morte, aos 85 anos, ainda recitava cantos transmitidos por seu pai. Romances ibéricos medievais que narram os feitos de bravos guerreiros e contam histórias de reis e rainhas, príncipes e princesas, duques e duquesas. Cascudo (1982, p.14), define a preciosidade de tais registros: “É preciso ter ouvido as vozes sertanejas de outrora, cantando as velhas cantigas que haviam embalado crianças para sentir a intraduzível e profunda poesia da continuidade sentimental, que nenhum processo mecânico captará”.

As palavras do autor, nos faz pensar que a falta do registro impresso de tantas estórias versejadas do repertório oral - seja da herança ibérica, seja de registro de histórias ocorridas em solo brasileiro – deixa uma lacuna em nossa história e, quiçá, nos torna mais pobres de cultura pelo grande legado perdido ao longo do tempo.

O impresso cumpre importante papel contribuindo para a preservação dessa memória coletiva. Como exemplo podemos citar o próprio Cascudo (1955) que resgatou o “A.B.C. dos Canelas-de-Ferro” de autoria de um poeta da roça, Preto Salvador, que assistira o drama dos índios Canelas-de-Ferro, episódio ocorrido em 1896, em Santana do Matos/RN, escrito em sextilha tradicional, até então preservado em sua essência, sendo corrente e sabido de cor pelo seu povo. Publicado em cordel, no ano de 2008, pela Serrote Preto Edições/RN, preservando e tornando acessível uma obra da literatura oral.

O cordel serviu como importante instrumento de comunicação e preservação da memória, a partir da transmissão das narrativas de fatos ocorridos em tempos de comunicação oral, numa sociedade predominantemente rural, isolada, analfabeta e sem meios de obter conhecimento ou informação para além de seu cotidiano. Mas devemos observar o fato de que os impressos versejados no Brasil só vão surgir em fins do século XIX, início do século XX. Por essa época era comum haver registros manuscritos correndo de mão em mão, de casa em casa, leitura coletiva nos alpendres e pátios de feira, como atesta Júnior (1977, p. 28):

Tudo indica, entretanto, que essa difusão antes de fazer-se impressa como hoje, era manuscrita. Folhas soltas ou cadernos de papel registravam a tinta ou a lápis os versos, os fatos, a poesia; e iam passando de mão em mão, circulando de uma área a outra, e

assim divulgando-se. [...] teria sido, através do manuscrito, que começaram a surgir os versos ou a poesia popular, que iria depois dar base ao aparecimento da literatura de cordel contemporânea.

O nordeste brasileiro acolheu tal literatura, como lembra Luciano (2012), e deu-lhe característica própria, firmando a sextilha tradicional como estrutura predominante no cordel. Por falar em cordel, a referência ao folheto exposto e vendido nas feiras e mercados, pendurado em cordão era apenas na Europa, aqui no Brasil, mais especificamente no Nordeste, onde se fez mais forte, era exposto e vendido em maletas abertas em feiras e mercados.

Na Europa, já se fazia o uso da xilogravura³, Medeiros (2002, p.22) descreve essa importante arte constantemente associada ao cordel:

A xilogravura é talhada em madeira pelo matuto, com tesoura de uma perna só, banda de gilete, quicé (faca de cortar fumo), formão ou canivete. Qualquer instrumento cortante, desde que seja afiado suficiente para abrir sulcos e deles tirar creanças e tradições caboclas [...].

Observamos uma evolução também no que se refere às capas dos cordéis brasileiros publicados na época. O autor destaca ainda que, na perspectiva do professor francês, especialista em cordel, Raymond Cantel, o cordel do Brasil “[...] foi e é mais rico do que o de qualquer outra parte do mundo” (BENJAMIN, 1980, p. 184). Hoje o cordel já adota outras técnicas e artes visuais, como o nanquim e a própria computação gráfica para compor suas capas.

Luciano (2012), afirma que Silvino Pirauá, João Martins de Ataíde, Francisco Chagas Batista e Leandro Gomes de Barros são considerados os nomes que formam os pilares desse gênero literário no Brasil, sendo Leandro Gomes de Barros consagrado o Pai do Cordel Brasileiro, pois foi quem além de escrever centenas de cordéis editou o primeiro cordel no Brasil, intitulado, A Força do Amor (A História de Alonso e Marina), publicado em 1902, encartado em fac-símile no Tomo V da Antologia de Literatura Popular em Versos, da Casa Rui Barbosa.

Com a evolução dos meios de comunicação, num primeiro momento, o rádio e num segundo momento, a televisão, o cordel sofreu um período de desvalorização. Seu revival só veio acontecer no final do século XX, resultado de um processo de conscientização de sua importância literária e cultural.

³ Desenho esculpido na madeira para se extrair cópia impressa, como arte gráfica para as confecções das capas.

3 MEMÓRIAS DE HEROÍNAS NEGRAS BRASILEIRAS PELO CORDEL DE JARID ARRAES

Jarid Arraes conta a história de mulheres negras que a literatura brasileira pouco contempla, utilizando o cordel como instrumento de divulgação da cultura afro-brasileira. A cordelista é porta-voz de tantas mulheres negras, por vezes esquecidas, que marcaram a história afro-brasileira, trazendo para a literatura brasileira, nos versos de seus cordéis, a saga dos excluídos, dos (in)visíveis, tanto na questão de gênero quanto racial.

Antes mesmo da lei que obriga o ensino da história afrodescendente no Brasil, já se produziam verso e prosa de qualidade, mas num sistema racial e de gênero predominantemente branco e patriarcal, um grande contingente de escritores e escritoras afrodescendentes ficavam à margem da literatura canônica, num estado discriminatório, preconceituoso e exclusivo de uma raça que se perpetuou também no fazer literário.

É preciso fazer visível essa produção literária em todas as frentes que se apresentem para tal, e a sala de aula é uma delas. Nesse entendimento temos nas palavras de Souza e Moreira (2012, p. 03) a afirmação de que:

As escritoras negras fazem parte desses grupos marginalizados, pois contribuem com a criação dos discursos do contra, fazendo literatura como forma de inovação, transgressão, diferenciação. Por isso o silenciamento das vozes é perceptível. É preciso quebrar com essa resistência, adentrar no universo da literatura negra, não apenas pela obrigatoriedade de uma lei, mas pela própria iniciativa do professor, uma vez que a abertura a culturas negadas, silenciadas, como é a cultura negra, é que ajudará a desfazer estereótipos, quebrar preconceitos e romper com estruturas literárias pré-estabelecidas.

Comungando com as palavras dos autores, com o sentimento de responsabilidade, enquanto educadores, pela transformação da escola e dos sujeitos sociais que nela convivem que nos lançamos na análise dos cordéis de Jarid Arraes. No intuito de identificar contribuições do cordel para o ensino crítico e reflexivo da história e cultura afro-brasileira, relacionando com a Lei 10.639/03, que lançamos mão das obras: Luisa Mahin cordel biográfico que narra a história de Luísa Mahin, mãe do poeta Luís Gama e grande liderança na luta contra a

escravidão no Brasil; e Dandara dos Palmares que conta a história de uma mulher negra, guerreira na resistência contra a escravidão no Brasil, líder do Quilombo dos Palmares e companheira de Zumbi.

Admitimos com Souza e Moreira (2012, p. 03) que “[...] se faz necessário quebrar com a tradição, pensar em conteúdos diferentes, dar lugar às vozes ausentes, aos grupos, às diversas culturas, neste caso, à escrita feminina negra”. E, para tanto, o cordel pode ser um instrumento pedagógico, por seu caráter acessível, criativo, irreverente, de baixo custo, que oferece a possibilidade de trabalhar qualquer conteúdo de ensino, tudo isso proporcionando uma leitura prazerosa, pela métrica e rima que dão musicalidade ao texto.

Em Luisa Mahin, a cordelista descreve a capacidade estratégica dessa africana da Costa da Mina que, vendida como escrava, alcançou sua própria alforria. Como quituteira em Salvador, Bahia, usava o tabuleiro como ponto de remessa de mensagens escritas em árabe, escondidas, enroladas em quitutes contribuindo na organização da resistência negra ao escravismo colonial, como podemos perceber nas sextilhas a seguir:

No século XIX,
Luisa Mahin nasceu
Com origem africana
Sua história aconteceu
E com incessante gana
Seu nome prevaleceu.

Vinda da Costa da Mina
Afirmava ser princesa
Mas vendida como escrava
Teve na luta a certeza
Depois de alforriada
Demonstrou sua proeza.

Viveu como quituteira
E morou em Salvador
Usou com inteligência
Seus quitutes de sabor
Pois usava o tabuleiro
De mensagem portador.

Nos quitutes que vendia
Ela neles enrolava
As mensagens escondidas
Que em árabe espalhava
Ajudando nas revoltas
Que também organizava.

Os versos de Jarid mostram na biografia de Mahin, a coragem e o ímpeto de transformação de quem jamais se conformou ou se dobrou diante da escravidão, do racismo e da misoginia, ao contrário, lutou para que outras mulheres negras pudessem viver em liberdade, ocupando espaços que, ainda hoje, são de difícil acesso. Mahin sempre esteve envolvida na articulação de revoltas e levantes de escravos. Na *Revolta do Malês* (1885) e na *Sabinada* (1837-1838), descoberta, foi perseguida, fugiu para o Rio de Janeiro onde foi presa e deportada para Angola, na África. Sua imagem está vinculada a um povo caracterizado pela resistência e desejo de libertação da opressão do regime escravista.

Em *Dandara dos Palmares*, mais uma vez, a heroína negra é resgatada pelo cordel de Jarid. Dandara, lutou junto com os negros e liderou a defesa do Quilombo dos Palmares. Ao lado de Zumbi, teria sido contrária ao tratado de paz assinado com o Governo Pernambucano pelo tio de Zumbi, Ganga-Zumba. Mulher guerreira e valente, intensa, aplicada, atuava em todas as frentes na sua comunidade ao lado de seu marido, o grande Zumbi. Seus versos contribuem para a preservação e divulgação da história da mulher negra como protagonista de seu tempo. As sextilhas tradicionais novamente servem de moldura poética para o quadro histórico afrodescendente, como podemos observar nesses versos:

A história é que não conta
Sobre a vida de Dandara
Pois além de ser racista
Seu machismo se escancara
Sem um pingo de respeito
E sem vergonha na cara.

Liderança feminina
Forte com convicção
Ela jamais aprovou
Tratado de rendição
Discordou de Ganga-Zumba
Em prol da revolução.

Para o Feminismo Negro
É Dandara um expoente
De mulher inspiradora
E de preta como a gente
Que nos serve como gás
Pra botar um fogo quente.

Quem escreve a história
Lá nos livros registrada
É a branquitude cega
Do racismo idolatrada
E pra completar o quadro
A mulher é rejeitada.

Pois é muito lamentável
 Ter só heroína branca
 Como ficarão as negras
 Se representação franca
 É a base da auto estima
 Que o racismo atravanca?

Onde quer que ela esteja
 Dandara é minha chama
 Para quem consigo olhar
 A fim de vencer o drama
 Minha militância inspira
 E ao meu coração reclama.

Através de sua obra publicada em cordel, Jarid Arraes demonstra resistência, identidade e afirmação de ancestralidade, trazendo à luz da literatura de cordel toda uma legião de heroínas afrodescendentes de todos os quadrantes do território nacional, de norte a sul, num trabalho digno de ser estudado com mais afinco diante de tantas perspectivas que se apresentam em muitos campos da pesquisa. Sobretudo, pesquisas em salas de aula, no Ensino Fundamental e Médio, da Educação Básica, temos tanto a (re)descobrir e (re)conhecer sobre as mulheres negras, o impacto de suas ações na construção do Brasil e o cordel, em sua essência poética, pode com versos simples e crítico-reflexivos falar da diversidade, cultura, respeito, diferença e diversidade.

3.1 Cordel como instrumento de ensino e reflexão e a Lei 10.639/03

O cordel hoje desfruta de prestígio como recurso didático na educação em diversas disciplinas. O livro *O Cordel no Cotidiano Escolar* (2012), de autoria de Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro, estabelece interessante estudo no qual docentes de áreas diversas do conhecimento são instigados a compreender e a trabalhar com o cordel na sala de aula, levando em conta a natureza poética desse instrumento de ensino, que costuma encantar pela musicalidade das rimas e pulsar da métrica e que invariavelmente cumpre o objetivo de conduzir à leitura rica e prazenteira.

A Lei 10.639/03 tem como objetivo tornar visíveis aqueles que sempre foram invisíveis de forma imposta pela cultura hegemônica; assim, os docentes, precisam se reinventar, buscar

estratégias para abordar de forma eficiente as relações etnicorraciais na escola, e uma das melhores formas é a partir do modelo da leitura crítica (CONCEIÇÃO, 2015).

A Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003 traz em seu texto que:

Art. 26-A. nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre história e cultura Afro-Brasileiras.
§1º. O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra Brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica, política pertinentes à História do Brasil (BRASIL, 2003).

Conceição (2015, p. 5-6), afirma ainda que “[...] por não se limitar a estrutura poética, como faz a literatura historicizada que vivenciamos em salas de aula, o cordel nos possibilita irmos além, discutirmos e desconstruirmos a sua ideologia”. Diante disso, podemos inferir que o cordel pode ser um instrumento de ensino eficaz para a apresentação, reflexão e discussões críticas dos conteúdos referentes a história e cultura afro-brasileiras.

Na medida em que reconhecemos sua importância para a prática pedagógica docente, visando o pleno desenvolvimento do ensino-aprendizagem dos conteúdos programáticos, reconhecemos também que o cordel pode despertar o gosto pela leitura e produção de texto, valorizar a cultura popular em nossa sociedade e, mais ainda, sensibilizar para o reconhecimento das contribuições dos povos afro-brasileiros na construção e no desenvolvimento de nossa nação, como bem nos apresenta Jarid Arraes.

Muitas são as experiências e práticas de ensino que utilizam o cordel como suporte midiático para trabalhar conteúdos diversos na obtenção de conhecimentos e de expressão de uma visão de mundo plural e inclusiva, é importante para o cordel esse momento de valorização e reconhecimento, como atestam as palavras de Alves (2008, p.108):

Abordar a presença da Literatura de Cordel em sala de aula implica refletir, entre outras coisas, sobre concepções de leitura, literatura e ensino postos em prática no cotidiano das escolas. Seria propor uma forma de estimular os alunos a enxergarem o que há por trás dessas produções textuais, não só no que diz respeito ao texto em si, mas com relação às vozes que ele traz consigo. Vozes essas capazes de expressar questões morais, políticas, sociais, econômicas e culturais.

Percebemos, na obra de Jarid Arraes, argumentos que desvelam vozes silenciadas. O cordel, nesse contexto, talvez possa ampliar percepções de mundo, de sujeitos, de subjetividades, resgatar histórias esquecidas, colocar em evidência a história e cultura do povo negro brasileiro. Munidos desses argumentos, e da força narrativa do cordel, sua trans-multi-interdisciplinaridade, acreditamos no seu poder de suscitar reflexões críticas e pensar o papel da mulher negra na sociedade como protagonista de sua história.

O Cordel apresenta-se, portanto, como uma possibilidade de ensino que rompe com a tradição disciplinar na medida em que permite ao docente dialogar entre as áreas, numa prática interdisciplinar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever este artigo nos conduziu e reconduziu a lugares já conhecidos e outros desconhecidos. O sobrevoo na história do cordel, ainda que de maneira sintética nos revela tempos, espaços em que bardos cantavam em versos histórias, aventuras, mistérios e segredos; mergulhamos na estrutura do cordel, expondo as formas mais comuns ao folheto literário versejado em sextilhas, septilhas e décimas ou glosas com seus respectivos esquemas de rimas.

Na trajetória em busca de conhecimentos que possibilitem a visibilidade, com o resgate da mulher negra em nossa sociedade, enquanto protagonista de uma história individual, mas, sobretudo social, heroínas por vezes esquecidas na história literária do Brasil. Resgatadas no cordel, por uma mulher forte, corajosa e de identificação direta com a história afrodescendente do nosso País. Tudo isso para demonstrar a consonância com a lei 10.639/03 que aponta para a obrigatoriedade da história afrodescendente nos conteúdos didáticos nos estabelecimentos de ensino público e particular, ensino fundamental e médio.

Amalgamando tudo: cordel, ensino-aprendizagem, cultura e história afrodescendentes, a cordelista afrodescendente Jarid Arraes sintetiza nosso trabalho. Jarid Arraes é uma escritora contemporânea que expressa na poesia a voz da mulher negra, a ancestralidade, a luta contra o racismo e que discute gênero.

Luma Oliveira (2016), sobre a literatura negra no processo educacional e social e o papel fundamental da poesia nesse contexto:

É muito importante que se trave uma luta para a visibilidade da literatura negra e os livros didáticos não devem ficar de fora, pois na escola se formam ideologias, e o trabalho, sobretudo da literatura que trabalhe questões raciais, este é mais um passo para que a discriminação racial não continue fincando suas raízes no processo educacional e social. Ao contrário do que muita gente (infelizmente) ainda pensa, a poesia possui papel fundamental para transformações sociais, do meu ponto de vista, político e revolucionário.⁴

Por fim, destacamos que o cordel pode ser utilizado de maneira positiva nas situações didático-pedagógicas relativas ao conteúdo da história e cultura afro-brasileira, sobretudo por ser construído de modo crítico, reflexivo, prazeroso, de fácil manuseio e assimilação do conteúdo na aquisição de conhecimentos, contribuindo bastante para o processo de ensino-aprendizagem.

5 REFERÊNCIAS

ALVES, Roberta Monteiro. (2008). Literatura de cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula. Revista Fórum Identidades. Ano 2, v. 4 – p. 103-109 – Jul-dez.

ARRAES, Jarid. Luisa Mahin. Texto impresso. S/a.

ARRAES. Dandara de Palmares. Texto impresso. S/a.

ARRAES, Jarid. Site: www.jaridarraes.com

AZEVEDO, Manuel de. (2013). Cordel do Fusca. Natal/RN: Serrote Preto Edições.

AZEVEDO. Lambe-Lambe. (2014). Natal/RN: Coleção Chico Traíra.113.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. (1980). Breve Notícia de Antecedentes Franceses e Ingleses da Literatura de Cordel Nordeste. In: Tempo Universitário, v. 1, n. 1. Natal/RN: Editora Universitária, p. 171-188.

BRASIL. Presidência da República. (2003). Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. (1982). Flor de romances trágicos. Rio de Janeiro/RJ: Livraria Editora Cátedra Ltda.

CASCUDO. Notícia Histórica do Município de Santana do Matos. (1955). Natal/RN: Editora Departamento de Imprensa.

⁴ Disponível em <http://blogueirasnegras.org/poetisas-negras/>. Acesso em 08 jan. 2018.

CONCEIÇÃO, Cláudia Zilmarda Silva. (2015). CULTURA, CORDEL E AS RELAÇÕES ETNICORRACIAIS. ANAIS DO VI SENALIC – TEXTOS COMPLETOS. São Cristóvão: GELIC, Volume 06, p. 1-11.

JÚNIOR, Manuel Diégues. Literatura de Cordel. (1977). In: BATISTA SEBASTIÃO NUNER. Antologia da Literatura de Cordel. Natal/RN: Fundação José Augusto, Gráfica Manimbú.

LUCIANO, Aderaldo. (2012). Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro. Rio de Janeiro/RJ: Edições. São Paulo/SP: Editora Luzeiro.

MEDEIROS, Irani (Org.). (2002). Leandro Gomes de Barros: No reino da poesia sertaneja. João Pessoa/PB: Ideia, 2002.

OLIVEIRA, Luma. (2016). Poetisas negras: gênero e etnias através dos versos. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2013/04/05/poetisas-negras/> Acesso em: 29 de maio. 2016.

SOUZA, Taise Campos dos Santos; MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. (2012). Escrita de autoria feminina negra: reflexões sobre sua importância e inserção no campo educacional. I Colóquio de Prática Pedagógica e Estágio. Universidade do Estado da Bahia, Campus II Alagoinhas/BA.

SALVADOR, Preto. A.B.C. dos Canelas de Ferro. (2008). Natal: Serrote Preto Edições.